A Revista O CRUZEIRO testemunha com exclusividade:

CONVENÇÃO (EM PIJAMA) DE ANARQUISTAS EM SÃO PAULO

Reportagem de NEIL FERREIRA e AUDÁLIO DANTAS

DURANTE TRÊS DIAS, NUM "LUGAR ESCONDIDO", EM SÃO PAULO, ÊLES DISCUTIRAM O ANARQUISMO NO BRASIL: UMA CONVENÇÃO SEM GRAVATAS.

ANARQUISTAS de todo o mundo marcaram encontro em terras brasileiras de São Paulo. Foi um "tête-à-tête" em fundo rural. Uma floresta em decadência, caldeirões, caçarolas, barracas e "shorts" davam a essa reunião um sabor delicioso de piquenique. Entre discursos sôbre a existência (ou não) da alma, comia-se batata-doce. Quem passasse por perto, sem aviso prévio, pensaria tratar-se de um fim-de-semana de empregados de firma comercial. Nada cheirava a pólvora ou a bomba. Senhores (alguns carecas) davam à paisagem tons remansosos de reunião burguesa. Ninguém poderia supor que êsse "bouquet" de criaturas inteligentes e bem falantes estava passando a limpo, numa mesa de pingue-pongue, todos os problemas do mundo. Em verdade, o "meeting" não teve sonoridades de barricada. Nem de revolução. Nem barbas. Tudo muito tranqüilo, mais tranqüilo do que muitas reuniões de comitê de festa de bairro. As vêzes, no meio da discussão, vinha uma frase mais forte. Logo uma voz de corpo de bombeiro corria muito ligeira para apagar o incêndio. O CRUZEIRO, durante três dias, com exclusividade absoluta, estêve na intimidade da grande reunião. Falou com os seus principais personagens, alguns sugestivos, outros graves, com ares de salvadores da Terra à beira do abismo. E de tudo isso pode dar-se um relato do que os anarquistas trataram durante essas 72 horas, que não abalaram o mundo. Eis os principais personagens desta história. Um médico, dois professôres, um sapateiro, que nas horas vagas é teatrólogo, um escritor português asilado, alguns líderes brasileiros e muitos revolucionários espanhóis daquele tipo da anedota:

— Hay gobierno en este país? Soy contra!

CONTINUA

Velhos e jovens militantes procuram acertar os relógios: o objetivo é "juntar as pedrinhas para reconstruir a casa".

EM TÔRNO da mesa, convencionais compenetrados ouvem atentamente o experimentado militante. Todos desejam um mundo "sem govêrno e sem patrões".

"ÁLBUM de família" da velha guarda do movimento anarquista. Todos êstes homens tiveram participação ativa em grandes e eficientes movimentos operários.

"BATE-PAPO" anarquista à sombra das árvores. A paisagem é serena, mas as discussões são bastante "quentes": um acôrdo é sempre muito difícil.

ESTA reportagem teve começo de conto policial. Sabíamos que os anarquistas tinham Convenção marcada para êste mês brasileiro de março. Só isso. Procuramos, então, entrar em contato com pessoas que, no passado, estiveram ligadas ao movimento em terras do Brasil. Depois de algumas pesquisas, surge o primeiro nome: o anarquista X, com atuação destacada, com telefone no Rio de Janeiro. O começo parecia cômodo. Fizemos a ligação. Do outro lado do fio uma voz atende e informa em tom sêco:

— Não está.

Insistimos:

— Onde pode ser encontrado?

A resposta veio rápida:

— No cemitério. Morreu.

É claro que desligamos. O anarquista X não era positivamente a pessoa mais adequada a nos dar informações sôbre o "meeting" anarquista a realizar-se no Brasil. Fizemos novas buscas. Outro nome surge, desta vez em São Paulo. Estabelecemos outro contato (telefônico) com um dos filhos do elemento visado. É manhã de Quinta-Feira Santa, véspera da grande Convenção dos anarquistas. Depois de uma conversa demorada (e cautelosa), tivemos informação de que a pessoa por quem perguntávamos viajaria dentro de poucas horas.

— Para um sítio do interior do Estado — acrescentou o nosso informante.

— É exatamente sôbre essa viagem que desejamos saber.

Do outro lado do fio há uma pausa. Nosso contato torna-se mais franco, mais expansivo.

— Então o senhor foi convidado para a "brincadeira"?

Novo (e longo) diálogo. Combina-se que uma outra pessoa conversaria com os repórteres. Minutos depois, o telefone toca. Uma voz cautelosa:

— Sôbre "aquilo", o que o senhor deseja saber?

"Aquilo", no caso, é a Convenção anarquista. Mais uma longa conversa. Finalmente, conseguimos um quase convite para "aquilo". Marcamos um encontro. Nosso interlocutor fornece um endereço: porta de um edifício, no centro da cidade. Diz:

— Sou meio careca, uso camisa-esporte riscada, levarei uma pasta verde.

Recomenda pontualidade. Na hora exata, no local do encontro, quatro homens postam-se ao nosso lado. Um dêles destaca-se do grupo, encosta-se numa parede e diz, à guisa de senha:

— Esqueci a pasta verde.

É o anarquista número 1. Alto, realmente meio careca, sério. Os demais também se aproximam. Um homem exuberante de gestos, sotaque lusitano, externa sua ojeriza por tudo "quanto é forma de Govêrno e Autoridade": é o anarquista número 2. Parece-se, exatamente, com o que se imagina ser um anarquista. Outro, baixinho, gravata-borboleta, professor famoso no Rio de Janeiro, desce a lenha no regime português e fala, com entusiasmo, da luta anti-Salazar. É o anarquista número 3. O número 4 é um homem caladão e sorridente. Os quatro discutem (anarquistamente) sôbre a nossa pretensão de comparecer à Convenção. Fica estabelecido que o nosso "caso" será levado a uma assembléia, especialmente convocada para debatê-lo. Horas mais tarde, recebemos a comunicação:

— Os senhores poderão comparecer.

Perguntamos, então, para onde deveríamos ir. A resposta é cautelosa:

— Bem, isso não tem importância. Amanhã uma pessoa estará à sua espera, às 5.30, num local que combinaremos. Nosso elemento saberá reconhecê-los.

Tudo como um conto policial.

SOMBRA E LEITURA REVOLUCIONÁRIA SERVEM DE MOLDURA PARA BRINQUEDO DE JOVENS E CRIANÇAS. NEM SÓ DE DISCUTIR VIVEM OS ANARQUISTAS...

CONTINUA

Cenário da Convenção: pequeno mundo onde todos se entendem.

Viagem para um lugar desconhecido

SEXTA-FEIRA da Paixão, 5.30 h, porta lateral de uma estação ferroviária. Um homem sorridente vem ao nosso encontro:

— Já tenho as passagens compradas.

Não perguntamos, nem êle diz para onde vamos. Tomamos lugar num vagão de segunda classe, onde já se encontram outras pessoas que participariam da Convenção. São quase todos homens simples, operários de muitos e pesados ofícios. Alguns dêles vêm do Rio. A conversa é acalorada. As orelhas dos políticos queimam. O Govêrno sofre diatribes tremendas. A composição põe-se em movimento, o barulho das rodas abafa a conversa. Só os gestos são marcantes. O trem pára várias vêzes, até que alguém informa:

— Estamos chegando.

O grupo desce numa estaçãozinha humilde. Tudo parece ser o início de um alegre piquenique. A cidade é pequena. A caminhada para o sítio será de uns quatro quilômetros. O Sol já vai bem alto quando o anarquista número 4 aproxima-se dos repórteres e diz:

— É aqui.

No ponto indicado, à margem da estrada, uma cêrca arruinada. Um bosque separa-nos do objetivo, que atingimos por uma picada: duas casas a cavaleiro de uma pequena elevação. Entre elas, um grande terreiro. Aqui e ali, velhos simpáticos discutem em pequenos grupos. Crianças brincam. No centro do terreiro, anarquistas da nova guarda pulam corda. Nada sugere que haja depósito de bombas, ou coisa que o valha. Ninguém tem revólveres ou metralhadoras à vista. E nem camuflados. Ao que tudo indica, o Palácio do Govêrno não sofre ameaça imediata (ou remota) de ir pelos ares. O salão de uma das casas é preparado para servir de palco aos debates que traçarão rumos para o movimento anarquista. Iriam, segundo uma expressão muito repetida, "juntar as pedrinhas para reconstruir a casa". Ninguém dá ordens a ninguém. Um velhinho, de ar patriarcal, explica:

— Tudo aqui é feito segundo os imperativos da necessidade. Êsses imperativos são a única autoridade que reconhecemos.

MESA DOS "APÓSTOLOS": VEGETAIS.

Doze "apóstolos" pregam o Anarquismo

NO princípio é o "desabafo". Sexta-feira da Paixão vai pela metade, quando algumas dezenas de militantes anarquistas dirigem-se para a sala de sessões. É uma Convenção diferente: não há engravatados. Alguns vestem sumários calções de banho. Outros estão de pijama. A grande maioria tem os pés descalços. Na mesa diretora dos trabalhos, o "camarada coordenador" (uma espécie de presidente), bem velho, cabelos brancos em desalinho, consulta uma agenda. Sua roupa: calças de brim e paletó de pijama. À sua direita, o "camarada secretário-executivo", um espanhol emotivo, vestido de "short" amarelo. Sentado numa poltrona, o sapateiro-teatrólogo assume as funções de "camarada encaminhador" das discussões. Na frente, reunidos em tôrno de uma mesa de pingue-pongue, doze "apóstolos" iniciam a pregação anárquica. Outros convencionais espalham-se em bancos por tôda a sala. Pela primeira vez na história do movimento anarquista do Brasil, repórteres de uma publicação "não iniciada" estão presentes. O "camarada encaminhador" esclarece que "esta é uma reunião de desabafo". As "companheiras" revezam-se entre o fogão (numa cozinha ao lado) e a sala das sessões. Os "apóstolos" inflamam-se em tôrno da mesa de pingue-pongue. Relembram as velhas lutas dos anarquistas e "os companheiros encanecidos em suas peregrinações pelas prisões". Um dêles levanta-se. Traja camisa e "short". Pede a palavra:

— Sòmente poderemos ser felizes quando tivermos uma sociedade onde não hajá humilhados e nem quem humilhe.

O escritor português Roberto das Neves (asilado no Brasil) levanta-se e fala da luta dos anarquistas. A assembléia emociona-se. Velhas companheiras esquecem-se das panelas que fervem na cozinha. O luso está inflamado:

— Nós não temos religião, nem queremos ter Govêrno, porque, para nós, Govêrno é, por definição, um aglomerado de bandoleiros legais. Não viemos aqui pregar a Revolução da quartelada de rua, de tiro que mata, da espada que fere. A nossa Revolução é a da idéia que convence, do livro que ilustra, em suma, é a Revolução do Amor.

PAUSA: 2 FALAM MAL DO GOVERNO.

O ambiente é elétrico. Outros convencionais pedem a palavra e falam no mesmo diapasão: o último orador é o espanhol de "short" amarelo. Começa a contar a sua vida: seu pai escapara de cinco condenações à morte e passara muitos anos nas masmorras de Franco. Relembra a infância, quando a fome era saciada com cascas de banana que apanhava nas ruas. Não se contém. Cobre o rosto com as mãos. E chora. Grande parte da assembléia o acompanha. O "camarada coordenador" tenta acalmar a situação. Não consegue. Põe-se também a chorar. Nesse momento, sete homens aproximam-se da mesa. Quatro portuguêses e três espanhóis. A convenção ainda está no "desabafo" e êles já se despedem: vão participar da luta contra os Estados totalitários. A sessão chega ao fim. Os convencionais retiram-se da sala, as companheiras assumem o comando. A mesa de pingue-pongue dos doze "apóstolos" vira mesa de refeições: a sala de sessões é agora restaurante. Depois do almôço, há recreio anarquista no terreiro: meninos correm por todos os lados; velhos fazem rodinha para falar mal do Govêrno e relembrar antigas lutas.

Teatro revolucionário em pauta

À TARDINHA, nova reunião, desta vez para debates em tôrno dos problemas da organização anarquista no país. Os grupos teatrais que mantêm em São Paulo ocupam quase todo o tempo da sessão. Há muita divergência sôbre o que êles chamam de "teatro aplicado à idéia anarquista". (Não se falou em Balabadoff de "amanhã se não chover".) O sapateiro-teatrólogo passa, então, a narrar como os grupos teatrais atravessaram a "fase negra" da ditadura:

— No tempo do Getúlio, a gente precisava usar truques para que nosso teatro não morresse. Muitas vêzes mandávamos uma peça para os censores, êles aprovavam, no fim a gente encenava outra. Ou praticávamos "suborninhos": um charuto mais caro e uma garrafinha de "jerez" e a "coisa" se arranjava.

A audiência explode em gargalhadas e alguém aproveita para comentar, deliciado:

— O Estado é assim mesmo. Corrompe e é corrompido.

O assunto para a fundação de uma cooperativa que edite e distribua livros anarquistas. Há quem discorde, porque "não é necessária literatura anarquista para mostrar que

VELHO ENSINA MENINA A' PULAR.

Cada um sabe o que fazer, de acôrdo com os ideais anarquistas.

tudo que nos cerca está podre e decadente". Um homenzinho nervoso ergue a voz e antegoza o advento do mundo dominado pelo anarquismo:

— Beleza de vida vai ser quando não tiver nenhum político querendo proteger a gente!

Nesta altura a sessão é suspensa. Está escuro, os lampiões são pendurados. é hora da janta. Na cozinha fervem (com vegetais) os caldeirões anarquistas. Novamente, a sala de sessões transforma-se em restaurante. Anoitece. Após a janta, há um serão anarquista no terreiro. Velhos contam histórias (anarquistas) para jovens. Um professor faz jogos de adivinhação para as crianças. Tudo termina com um grupo cantando, entusiàsticamente, a "Internacional". A Sexta-Feira da Paixão vai chegando ao fim. O ex-salão de refeições e ex-salão de debates assume nova e importante função: vira dormitório. A mesa de pingue-pongue transforma-se em estrado para colchões. Trinta "camaradas" estendem-se em colchões, sob a égide barbuda de Kropotkin. Lá longe, na cidadezinha, um circo mambembe reproduz a morte de Cristo. Aqui dentro, espalhados pelo chão, os anarquistas desafinam no ronco dos justos.

Um orador que não era baiano

NOVAMENTE o escritor português Roberto das Neves, com a voz embargada pela emoção, lê a "Declaração de Princípios" aprovada pelos militantes anarquistas de vários pontos do País, reunidos no interior de São Paulo. Crianças, mulheres, velhos e jovens, em total silêncio, recebiam, na leitura da Declaração, a bandeira do que êles chamam a "nossa luta": uma luta lírica (mas sincera) pela reforma do mundo, contra as ditaduras, contra qualquer forma de Autoridade. No fundo da sala modesta, em plano elevado, cinco homens aprovavam, com gestos, as palavras do escritor português. Um dêles, militante do anarquismo há mais de sessenta anos, foi o responsável direto pelo primeiro grande movimento proletário levado a cabo no Brasil: a grande greve de 1917. Outro, calvo, de óculos, sapateiro de profissão e teatrólogo nas horas vagas, tem no rosto as marcas das lutas que determinaram o aparecimento das primeiras entidades sindicais no País e que hoje ainda perduram como organismos de classe. O terceiro, também calvo mas ainda jovem, é uma espécie de debutante no movimento anarquista: até há pouco tempo atrás era ministro evangélico. O quarto, um espanhol alto, jovem, enxugava os olhos. E o último, um operário português, veterano de movimentos anarquistas, com passagens pelas prisões da Espanha e Argentina, retorcia os dedos. Na assistência, operários de diversas categorias, vestidos de diversas maneiras (até de "shorts" e pijamas), entusiasmavam-se com a oratória candente (e irreverente) do português.

DORMITÓRIO É SALA DAS SESSÕES.

Espalhados em bancos rústicos pela sala, os mais velhos vibravam. Um homem alto, de óculos, rosto pacífico como um cordeiro, jeitão típico dos vovôs das histórias infantis, escondia atrás dessa expressão de serenidade todo um passado de lutas: foi um dos homens mais perseguidos na Itália fascista de Mussolini. Ao seu lado outro homem alto, já curvado pelo pêso dos setenta anos, foi o condutor da greve dos trabalhadores em construção civil, em 1908, marcando, assim, a conquista da jornada de oito horas para o trabalhador. Mais ao fundo, rodeados por crianças, dois outros, trêmulos e míopes, traziam (um no braço e o segundo no peito) sinais das balas de Franco. Isolado, num canto, um homem de rosto sombrio trazia no corpo as lembranças das lutas travadas na Espanha, na França, na Itália e das humilhações sofridas em campos de concentração dos alemães. Quando o orador terminou as suas palavras, a pequena audiência estava empolgada. Um médico, um advogado, outro professor, ao lado da gente humilde que constituía a maioria dos presentes, enxugavam lágrimas de emoção. Enquanto isso, as crianças preparavam-se para um ato festivo que marcaria o encerramento da terceira convenção anarquista realizada no Brasil após a queda da Ditadura. Era domingo de Páscoa, terceiro e último dia da Convenção. A tarde caía. Lá longe, na cidade, comemorava-se a ressurreição de Cristo. Num amplo terreiro, ao lado da sala onde se realizou a reunião, os anarquistas dançavam, ao som de um violino e uma sanfona, uma quadrilha, comemorando a "vida nova" do Anarquismo no Brasil. Tudo na santa paz do Senhor...

INTERVALO PARA AS ENXADAS...

Paraíso anarquista orçado em Cr$ 200 mil

SÁBADO de Aleluia, 5 horas da manhã. Anarquistas madrugadores anarquisam o sono dos demais. Lá fora, na cidadezinha, começa-se a malhar o Judas. Aqui, os anarquistas recomeçam a malhação do Govêrno. Ràpidamente, o dormitório transmuda-se. É, outra vez, sala de sessões. Debates. O escritor português aproveita uma folguinha que é dada aos lombos (já ardentes) da Autoridade, e presenteia os repórteres com um folheto de propaganda de um livro: "Provas da Inexistência de Deus".

Agora o tema em foco é o sítio onde se realiza a convenção e a experiência anarquista que êle encerra: comunidade de livre-convivência e trabalho. Um dos elementos do "grupo do sítio" refere-se com carinho ao seu pequeno mundo, como foi construído e como se mantém: "— Tudo foi feito com as nossas próprias mãos, sem ninguém a dar ordens, sem ninguém a se dizer dono. Porque, numa sociedade anarquista, ninguém é dono de nada, todos são donos de tudo. Principalmente, de si mesmos. Aqui está a Anarquia". A criação de outras "organizações comunitárias", nos moldes da que existe em São Paulo, é o próximo item discutido. Um delegado do Rio expõe um plano para levar a cabo iniciativa semelhante no Distrito Federal. Para tanto, uma quantia deveria ser coberta, em quotas: duzentos mil cruzeiros é quanto custaria o "outro" paraíso anarquista. Outros assuntos estão em pauta. O escritor portguês pede a palavra. Alguém reclama que está com fome. O português sorri:

— Tenho mais fome de espírito do que de estômago.

Mas as razões do estômago são mais fortes do que as razões de Estado. E o almôço vem...

A parte da tarde é tomada com a discussão sôbre a confecção e orientação do único jornal (mais ou menos clandestino) anarquista que se edita no Brasil. Um dos elementos do "grupo de administração" apresenta um relatório (dramático): o jornal abre luta no ano de 1959 com o saldo em caixa de Cr$ 25,80. Apesar do escasso numerário, o jornal vai cumprindo a sua missão: sua ação (subversiva) faz-se sentir até mesmo em Portugal, para onde é remetido

SERÃO COM A "INTERNACIONAL".

CONTINUA

Serenidade anarquista sob as árvores: o homem que lutou há 60 anos descansa um instante para recomeçar tudo de novo.

clandestinamente. Em Ponta Grossa (Paraná) o jornal sofreu reação religiosa local que o colocou no index. A venda dobrou.

Chega a hora do jantar. Estômagos devidamente cheios, as discussões prosseguem, noite adentro, sob a presidência muda de um retrato de Kropotkin. Os debates são acalorados, às vêzes excessivamente barulhentos, mas todos se entendem. O cansaço parece que vai dominando a flama anarquista, quando uma companheira aparece com um providencial prato de batata-doce, que corre o plenário. Novamente, o salão vira dormitório. Ao contemplar aquêle pequeno (mas unido) grupo, um "camarada" comenta:

— Nós somos os D. Quixotes de um mundo novo.

Páscoa anarquista, a convenção finda

O DOMINGO de Páscoa encontra todos os anarquistas acordados. É preciso começar mais cedo, pois há muita coisa ainda a debater: excursões de propaganda, agremiações culturais e recreativas, trabalho direto de proselitismo, ou seja, a difusão das idéias anarquistas nos meios sindicais, intelectuais e estudantis. Uma espécie de "penetração" nas diversas camadas sociais. Os debates prolongam-se até as 13 horas. Intervalo para o almôço e, logo a seguir, a sessão (mais ou menos solene) de encerramento. Com muitos discursos, como acontece em qualquer convenção "burguesa". Tudo terminou com a (aplaudidíssima) leitura da "Declaração de Princípios".

Um "patriarca" sereno à sombra do bosque

ENTRE os muitos militantes anarquistas que se destacaram nas grandes lutas do passado, há um que é uma legenda. Nome, Edgard Leuenroth. Idade, 78 anos. Pai de quatro filhos. Avô de seis netos. Bisavô de nove bisnetos. Já foi chamado de "chefe do operariado paulista" (por tôda a imprensa de São Paulo). Sua luta tem mais de meio-século: seu contato com o anarquismo e (conseqüentemente) com as prisões vem do século passado. Era ainda um menino, quase imberbe, e já figurava na primeira linha dos movimentos reinvidicatórios das classes menos favorecidas. Agora, ao nosso lado, deitado em uma rêde, à sombra de um bosque, no sitiozinho onde êle vê a concretização dos seus ideais, fala com entusiasmo juvenil. Faz questão de dizer que não é "chefe" de nada: "— Nosso movimento não tem "chefe". É a grande diferença entre o anarquismo e o Partido Comunista. O Partido Comunista teima em criar falsos líderes e dêles se aproveitam. É uma idéia de cúpula. Nós não temos cúpula".

Olha para sua espôsa, que está ao lado. Sorri, carinhosamente. E continua falando:

— Já disse uma vez aos meus amigos do P.C. que, quando êles tomarem conta do poder, me dêem o tiro no peito. Na nuca fica meio deprimente.

Toma de um pauzinho e desenha no chão a "geografia" dos acontecimentos ligados à grande greve de 1917 (pela qual êle foi o único responsabilizado), quando os trabalhadores conseguiram aumentos de salários, fixação de jornada de oito horas — primeira grande conquista dos operários brasileiros — e liberdade de organização em entidades de classe. Entre os episódios mais marcantes do movimento, Edgard Leuenroth destaca:

— No início apenas uma categoria estava em greve: o alto custo de vida empurrou os operários para a rua. Numa das manifestações, um trabalhador tombou sem vida. A revolta ganhou corpo, tomou vulto. Milhares de operários de tôdas as categorias compareceram para o entêrro do companheiro morto. A Polícia tentou evitar que o cortejo passasse pelo centro da cidade. Várias vêzes a Polícia cercou-nos. Várias vêzes rompemos o cêrco. O caixão servia de bandeira. Até que, nas proximidades do Palácio do Govêrno (então localizado no Pátio do Colégio), uma linha de metralhadoras fêz com que nos desviássemos. Mas não que recuássemos. Rumamos para a Rua XV

continua na pág. 44

NA RÊDE, AO LADO DE SUA ESPÔSA, EDGARD LEUENROTH, O "PATRIARCA".

APESAR DE NÃO QUERER SER "CHEFE" DE NADA, SEU NOME É LEGENDA NA HISTÓRIA DO MOVIMENTO ANARQUISTA NO BRASIL: SUA LUTA TEM 60 ANOS.

CONVENÇÃO

continuação da pág. 42

de Novembro, que na época era a principal artéria da cidade, onde um comício foi improvisado. O Largo da Sé estava lotado. Lançamos então um "ultimatum": só sairíamos dali se a Polícia soltasse os manifestantes que haviam sido presos. Ganhamos a parada. Na volta do cemitério, outro comício foi realizado, enquanto, em vários pontos da cidade, operários famintos iniciaram o saque em diversos armazéns. Estava deflagrada a greve total. Ninguém mais poderia controlar a situação. Durante oito dias, São Paulo estêve sem braços e sem pernas. A única entidade que agia era o Comitê de Defesa Proletária. O movimento só terminou com a aceitação total das nossas reivindicações.

Por ser apontado pela Polícia como o autor "psíquico-intelectual" do movimento, Edgard tomou seis meses de cadeia e foi absolvido num processo que ficou famoso em São Paulo: "O Processo Leuenroth". Durante sua vida, assistiu ao nascimento, desenvolvimento e empastelamento de vários jornais anarquistas. Seus livros sofreram um verdadeiro "processo de Inquisição": foram queimados em praça pública. Cada um dos seus artigos (virulentos e violentos) correspondiam a uma prisão. Aliás, sôbre as vêzes em que foi parar no xadrez, êle faz um gesto largo:

— É impossível fazer uma estatística.

Êste é o homem que ainda hoje é uma legenda do movimento anarquista. É o "companheiro Edgard", que, apesar da neve que cobre seus cabelos, guarda um entusiasmo juvenil. Sua fala, nervosa, vai saindo: são verdadeiros episódios da luta operária no Brasil. Sua vida faz parte dela. Recosta-se na rêde, passa a mão na cabeça, vai reiniciando a conversa, quando alguém grita:

— A sopa está esfriando!

Edgard Leuenroth dá a entrevista por encerrada e sai correndo com a agilidade dos seus 78 anos...